

A ALMA DESSE TEMPO

MD Magno

Palestra em painel com Bruno Tolentino no
Simpósio *Comunicação e Cultura na Era Global*,
realizado pelo “...etc. - Estudos Transdisciplinares da
Contemporaneidade”, no Hotel Inter-Continental,
Rio de Janeiro, 13 setembro 1997.

Depois dos depoimentos candentes de Rosiska Darcy de Oliveira, Roberto da Silva e Bruno Tolentino, vocês vão me desculpar por eu ter que trazer – de maneira talvez um pouco chata – um fragmento de teoria para poder me fazer entender um pouco a respeito do que poderia dizer, embora com certa brevidade, por causa do tempo, ou do que possa entender a respeito do tema *Comunicação e Cultura na Era Global*. O que posso aqui dizer vem sob a rubrica do que, ao meu redor, começou a se chamar de Nova Psicanálise. Extremamente pretensioso, eu assumo. Nova Psicanálise porque, como acaba de me facilitar Bruno, também tenho a minha “Torre”. A Psicanálise cabocla, que, embora do ponto de vista externo pareça não dever existir, existe – como diriam os patrões franceses – *quand-même*.

A alma desse tempo que vivemos, é ela que gostaria de apontar um pouco. *Comunicação e Cultura na Era Global*. Chamo de Cultura o modo mesmo de existência da espécie humana. É uma definição muito abrangente, como vêm. Globalização, para mim, é simplesmente a tentativa de apagamento de fronteiras, o que resulta imediatamente no recrudescimento das fronteiras – naturalmente por uma questão de resposta, nem que seja no sentido do paradoxo que Bruno acabou de apontar, embora pessoalmente não acredite em paradoxos. Comunicação, quer me parecer, é a possibilidade de estabelecer a transa, ou transe, de tudo com tudo, de qualquer coisa com qualquer coisa. É nesse movimento aí que tentarei mostrar o que posso pensar que seja a alma desse tempo, dentro desse tema.

Dizem que a psicanálise está em crise. Acho que a psicanálise é a crise. Entretanto, ela parece mesmo estar em certa crise, na medida em que, depois de pelos menos dois luminares – são muitos, centenas,

milhares –, um chamado Freud, que a terá inventado, e outro chamado Lacan, que a terá extinguido, a psicanálise está em pleno vigor do ponto de vista de mercado. Temos, aqui no Brasil – *mea culpa, mea culpa, mea culpa* –, uma infinidade de instituições psicanalíticas, cheias de psicanalistas. Hoje em dia, é difícil encontrarmos alguém que não seja psicanalista. A gente quer fazer análise e fica procurando um que não seja, porque todos são. O que aconteceu foi uma coisa estapafúrdia, e que tem a ver com a questão da chamada globalização: justo no momento de sua derrocada, de sua radical falência – que aconteceu ainda em vida do Dr. Lacan –, quando acaba de desabar, de fracassar redondamente – e Lacan sabia disso: todas as perspectivas teóricas que ele brilhantemente construiu acabaram por dar com os burros n'água por falência até mesmo do conceito de ciência, por falência da segurança dos fundamentos, etc. –, o lacanismo tem um estrondoso sucesso de mercado.

- Bruno Tolentino - *Aí está um paradoxo.*

Você gosta de chamar de paradoxo. Só não gosto do termo. Paradoxalmente, como quer Bruno, aconteceu isso. Redondo fracasso da teoria lacaniana e um sucesso do lacanismo, do ponto de vista de mercado. Como não vivemos só de mercado e costumamos pensar um pouco – e ter certas angústias com a sobrevivência ou não do tema que trabalhamos –, me vi na obrigação de fabricar uma torre cabocla. Não tive outra saída. Em tendo que pensar o que estava fazendo – e depois da experiência freudiana e lacaniana –, eu, em continuando a pensar, tive que me perguntar o que faço com isso. Ou pego meu boné e vou embora, ou tenho que pensar isso tudo de novo. E no que fui pensar tudo de novo, pensei dentro dos veios disso que o poema lido por Bruno acaba de nos indicar. Dentro dessa saúde poética que o poema acaba de nos indicar. Resolvi passar a psicanálise a limpo, por minha conta, com a experiência que tinha. E cheguei à conclusão de que a psicanálise tem apenas um grande conceito, que é o conceito de Tesão, que Freud chamava de *Trieb*, e que traduzem freqüentemente – por imitação francesa – por Pulsão. Esse conceito, que, na época de Freud, tinha certa ligação com a segunda lei da termodinâmica, da entropia, nos mostra claramente que todo e qualquer tesão não busca senão extinguir-se, gozar numa Paz que o aniquile. E como penso que o que quer que haja por aí faz parte do mesmo todo, do mesmo

organismo (ou o nome que quiserem dar), cheguei à conclusão de que uma lei fundamental organiza o que há segundo o modelo de um Tesão, que só não se extingue porque o lugar onde ele goza não há. Ou seja, Haver desejo de não-Haver, Haver tesão em não-Haver, é ALEI que suporta tudo que há. E isso quem nos ensinou foi Freud com seu famoso conceito de Pulsão – que chamava “de Morte”, não faço a menor idéia por que. Justamente porque é a morte que não há. Se o objeto do desejo, o lugar desse gozo, desse tesão, dessa paz, é o não-Haver, que fica do outro lado, simétrico do que há, esse não-Haver, como o nome está dizendo, não há. E não adianta nem Leibniz nem Heidegger ficarem puxando os cabelos, a perguntar por que há o ser e não antes o nada. É uma besteira porque todos estão vendo que não tem. O não-Haver, o nome está dizendo, não há. Isso me põe uma lei que é absolutamente exigente de simetria, e no que ela realiza essa simetria, quebra a cara numa dissimetria radical. Não tem nada do outro lado, tudo está para o lado de cá. Só há o Haver, o não-Haver não há.

Isto significa uma coisa interessante, que Freud também já havia descoberto dizendo que não encontrava morte dentro do inconsciente. O que é absolutamente verdadeiro, porque a morte simplesmente não há. Perdemos pessoas, vemos pessoas supostamente falecerem, mas não temos a menor experiência daquilo que aconteceu com aquela pessoa. Não sei o que é morrer. E na hora que tiver que morrer quero ter a impressão – porque ninguém voltou para me contar, e quando contaram parecia mais fábula, mais literatura do que outra coisa – que não há nenhuma experiência de morte para esta espécie. Ou seja, ninguém atravessa alguma coisa e, do outro lado, sabe dizer aquilo pelo que passou. Então, digo não só que a ALEI do Haver é o Tesão por não-Haver, Haver desejo de não-Haver, como também que a morte não há. Isso muda radicalmente o panorama e a perspectiva da psicanálise. Ao tomar o conceito de Pulsão, de Tesão enfim, Haver desejo de não-Haver, A◆Ã, funciona como uma estenografia – e não nenhum matema, porque não existe matema possível dentro da psicanálise – dessa idéia. E vamos retornar ao velho conceito freudiano de **Recalque**, pois, se minha constituição, a constituição desta espécie – como a constituição de Deus ou do Haver, o que quiserem – é esta, Haver desejo de não-Haver, quebra-se a cara porque o não-Haver não há e tem que fazer uma cambalhota, virar ao

contrário, para retornar para dentro da situação do que há, na imanência radical dos reviramentos (que Bruno chama de paradoxo e que chamo de **Revirão**). Não gosto de paradoxo porque dá a idéia de que um enunciado é capaz de comportar imediatamente duas faces. Não gosto do termo, no sentido lógico, como abomino toda idéia de *coincidentia oppositorum*, de Nicolau de Cusa para cá. Mas há o grande Revirão que se inscreveria facilmente, numa analogia matemática, em cima de um oito interior desenhado sobre uma banda de Moebius.

O fato é que posso pensar a continuidade de algo, sempre podendo transformar-se, revirar-se no seu oposto em algum momento – o que é uma idéia que não é muito cara aos processos repressivos que temos vivido até hoje. Então, se essa concepção segura o corpo teórico da psicanálise, temos que pensar que nossa espécie é privilegiada porque tem a possibilidade de reviramento radical a respeito de qualquer das suas situações no seio do Haver. E isto fornece o seguinte: se minha essencialidade é esta, se posso revirar à vontade, algo me embarga de revirar – porque não reviro à vontade. Se não reviro à vontade, é porque tenho sofrido recalques radicais. O primeiro, que chamo a ordem do **Originário**, é justamente o momento em que, se Haver deseja não-Haver e não consegue, porque não-Haver não há, e tem que voltar à imanência, partiu-se a coisa, criou-se uma dissimetria radical no seio do Haver e estou diante daquilo que Freud jamais soube definir muito bem – e Lacan muito menos – que, junto com Freud, chamo de Recalque Originário. Tive que sofrer o recalque de não conseguir passar a esse desejado, e ele, não havendo, me recalca para dentro da imanência do Haver e dos reviramentos.

Ora, vamos fazer uma mitopoética de pensar que, por quebrar a cara (esta figura é muito bonita em português) na não-existência, na não-havência do não-Haver, fractaliza tudo, espatifa tudo. E vivemos metidos nessa quantidade multifária e enorme de cacos, de formações que estão aí, que compõem o Haver por fractalidade de algo que se quebrou – esta é a nossa interioridade. E isto vai-se arrumar de maneiras as mais diversas. Essa coisa que costumamos chamar de natureza – não gosto deste nome, prefiro dizer artifício espontâneo: tudo é artificialidade, até Deus é artificial – e todos os aspectos multifários que tem, constitui, em primeiro lugar, o que, não no mesmo sentido que em Freud, chamo de **Primário**, o corpo do Primá-

rio. Por exemplo, em nosso caso de falantes, humanos, o Primário é a construção da nossa corporeidade mesma, aquela dada na hora do nascimento e que costumo dividir em duas partes: **autossoma**, a constituição biológica – que os biólogos estão estudando, artificializando à sua maneira –, e **etossoma**, isso que temos do mesmo modo que os animais, que são os programas de comportamento. Como sabem, existe uma ciência chamada etologia que pretende constituir a psicologia animal, seus comportamentos, ou seja, entender seus programas, que são abertos mas bastante fechados. Um cachorro sabe o que faz, é um ser absolutamente racional. Ele “cachorra” o tempo todo, o gato, “gata”, o cavalo, “cavala”... Nós não sabemos o que fazemos, nem para o que prestamos, porque originariamente somos poetas e decadentes, porém poetas. Então, não prestamos para nada, não sabemos o que fazer. Não temos nada para fazer. Somos a espécie que não tem o que fazer, por isso inventa besteira o dia inteiro, graças a Deus!, e constrói toda essa loucura que está ao nosso redor.

É, portanto, uma força extremamente recalcante. Do quê? De nossa possibilidade de virar ao contrário, para onde quisermos. Posso me revoltar porque minha mão tem cinco dedos, pior, porque tenho mão. Por que não ter um troço muito mais sofisticado? Embora eu possa, partindo para outras regiões de minha estruturação, sentar, por exemplo, num instrumento, num piano ou pegar num violino e transformar meus cinco dedos em milhares. É uma possibilidade de prótese, de transformar o corpo. Lacan, como sabem, diz que tudo nasce da linguagem, que ela veio primeiro. Para mim, o que veio primeiro foi o Revirão. E o que quero chamar de **Secundário** – que está para além da corporeidade –, que é a possibilidade de construção na ordem do simbólico, acaba se decantando em formações absolutamente idiotas que vão se formando como lixo cultural onde vivemos, esquecendo a vocação do poeta de estar sempre transformando através da possibilidade do Revirão. É o resultado da nossa possibilidade de manejar simbolicamente tudo e, portanto, reconstruir a materialidade do mundo. Não temos asas, mas voamos. Sempre estamos inventando uma prótese, um poema que, depois, vira uma banalidade do cotidiano. Já poema não é mais, mas terá sido no momento de sua invenção, de sua criação. Isso tudo porque podemos fazer recurso ao Originário, à competência de reviramento. Mas é muito difícil fazer

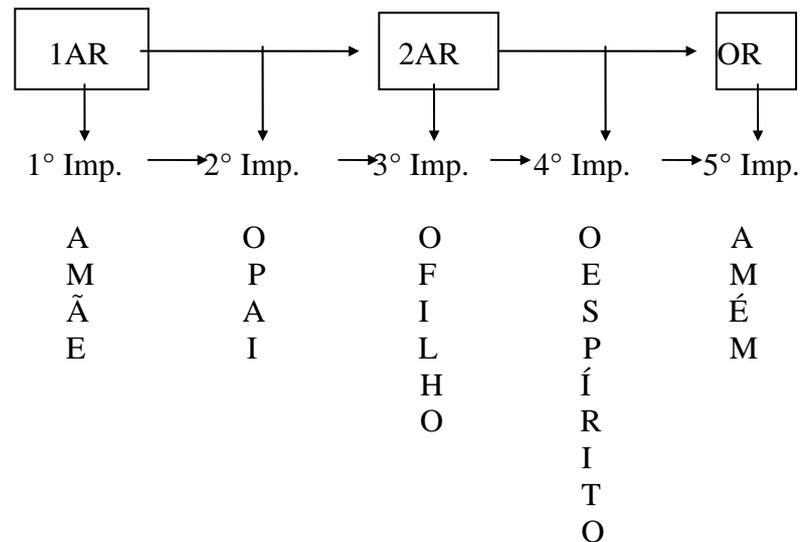
esse recurso. Se não, todos éramos poetas e inúteis como o Bruno. Somos pessoas decentes, úteis. Não podemos dizer: *nós somos inútel...*

Há um Recalque Originário: bater de frente com a impossibilidade de passar, que resulta num Recalque Primário, constituição corporal: etossoma e autossoma. E em nossa espécie, porque podemos fazer esse recurso, aparece o Secundário, que é a possibilidade de manejar tudo simbolicamente. Mas, para manejar criativamente, poeticamente, preciso fazer recurso ao Originário, porque a formação secundária imensa de nossa chamada cultura é absolutamente recalcante, porque também, assim como tenho cinco dedos, só tenho um, dois, três ou cinco idiomas, o que é uma bobagem, pois poderia falar o idioma dos pássaros ou a língua do futuro, mas não faço, não falo, somos cerceados por esses recalcamientos.

Baseado no entendimento desse “passar a limpo” a psicanálise, e resultando dos processos de recalcamiento, faço a suposição de que nós, a humanidade por inteiro em seus percursos, passa por um caminho necessário. Isto não é um estudo de história nem um estruturalismo de base, é apenas o entendimento de que somos forçados pela ordem dos recalques a determinadas passagens, a determinados desfiladeiros, determinadas gargantas que não posso arredar. Gosto de tomar um conceito de René Thom, o criador da teoria das catástrofes, de **creodo** (*cre-odos*, caminho necessário). Não estou falando de caminho previamente traçado por determinada estrutura, mas sim que, dado que as coisas estão construídas assim, não têm por onde passar a não ser por ali. Quero supor que, dado que somos macacos primários, estilhaçados secundariamente pela existência do regime Originário de reviramento, não temos como não ter um creodo, que chamo de antrópico ou cultural, que é passar por **Cinco Impérios** (que roubo do Fernando Pessoa):

O Primeiro Império de nossa espécie é aquele que toma como referência principal de sua existência e de seu modo de manejo do mundo, o Primário. Encontramos isto em vários momentos da história, sobretudo no que se chama de pré-história, em tribos primitivas, etc. Ou seja, a construção autossomática e etossomática são a referência principal. Por isso, é o **Império d’AMÃE**, porque se trata da relação com a carne, com a construção mesma da nossa biologia. Não estou dizendo que o homem pré-histórico não tivesse seus arroubos de poesia, e sim que a referência daquele momento antropológico

fundamental é o da AMÃE. Então, arriscando fazer uma brincadeira com algo que é da nossa cultura, chamo os cinco impérios de: AMÃE, OPAI, OFILHO, ÆSPÍRITO e AMÉM. Mas é sobretudo o Primeiro Império – que acho que é de baixa extração, muito pouco para nós, uma referência quase que de psicologia animal – que vai referir-se ao Primário.



Entretanto, uma vez passado por esse estágio, é possível que, por algum acontecimento ou obra de alguns poetas no interior da cultura, se comece a querer fazer uma outra referência. Começa a aparecer o que chamo Segundo Império, o **Império d’OPAI**. Pai é algo muito esquisito. Aquele que faz referência à carnalidade jamais vai descobrir que existe a interferência do pai na própria produção, pois os filhos são filhos da mãe, como todos sabem. Nesse momento aí, quando aparece o pai – costume trazer como exemplo, dando um salto enorme na história, o exemplo da criação do mundo judaico –, quando se nomeia o pai, está-se dizendo que é preciso certo controle daquela mulher para que o pai seja conhecido. Se não, ela dá para outro e fica um problema muito sério. De algum modo, é preciso estabelecer alguma ordem para que o pai seja o pai do filho da mãe, pois não pode ser qualquer pai, meramente simbólico. Então, apedrejavam as mulheres que tinham traído a relação de indicação e de referência ao Segundo Império, que é aquele cuja referência começa a ser simbólica porque se designa um pai, de que não se tem muita prova. Hoje, há prova de laboratório, mas naquele tempo tinham que tomar conta da

moça o dia inteiro, passar cadeado, fazer alguma coisa, jogar pedra, para que o pai fosse o pai do filho da mãe. É um Império intermediário: faz referência à carne da mãe e àquilo que pode ser puramente simbólico, que é o pai, mas não ainda inteiramente, porque ele tem que ser o pai do filho da mãe.

Aí, vem algum poeta e diz: vamos criar um pai que não precise mais de provas – as mulheres já começam a ficar um pouco liberadas, embora não saibam disso, mesmo porque os mecanismos anteriores não deixam de vigorar –, então cria-se o Terceiro Império, o **Império d’OFILHO**. É a cara do cristianismo. O rapaz, Jesuscristinho, chegou e disse: “Minha mãe? Família? Nada disso. Pouco importa de quem eu seja filho no sentido carnal da mãe, meus irmãos são aqueles que ouvem a minha palavra. Meu pai está no céu”. Isto porque o pai é pai de todos. Mas esse Império – que libera bastante porque sua referência principal começa a ser o Secundário –, na verdade, é um Império meio calhorda porque o pai é de todos aqueles que ouvem a minha palavra. E no que a ouvem, aparece uma instituição – por exemplo, a Igreja Católica Apostólica Romana – que diz: “Eu sou o atravessador, aquele que, no seio da cultura, representa a palavra do cara que disse que vocês todos são irmãos”.

Por que estou dizendo isso tudo? Porque não acredito que a gente jamais tenha sido moderno, que jamais tenhamos conseguido ser modernos. Vocês viram o que falou aqui Rosiska e Ronaldo Sardenberg. São piadas quanto à existência da modernidade. Se isto é moderno, somos modernamente trogloditas. Vivemos no neolítico o mais safado possível. Suponho que seria possível começar certa idéia de modernidade se atingíssemos o que chamo de Quarto Império, o **Império d’ESPÍRITO**. Por quê? Porque seria dar um passo à frente em relação ao Terceiro Império. Inclusive abolindo o termo *pai*. Podendo ser o império dos irmãos. Não é preciso ser filho de ninguém. A referência que vá além do Secundário, do simbólico, parece impossível, mas não o é. É o reconhecimento de que o próprio simbólico em suas estases, em suas estagnações, é extremamente recalcante e estúpido. É preciso que ele viva a possibilidade de retomada poética, inspirado pelo Originário, para que seja um império lúcido. Aí, sim, seria um Império de Modernidade. Este, jamais chegou.

Levar o processo até o Quarto Império não quer dizer ficar aí apenas. Em cada um dos Impérios os outros não morrem. Minha carne, por exemplo, não morre. Pelo contrário, a Nova Psicanálise pretende criticar na psicanálise velha, na falecida psicanálise lacaniana, o fato de que o simbólico deles é autocrático demais. Esquece que há um corpo, que há Primário, Secundário, todas essas coisas exercendo o tempo todo um poder de significação no seio dos outros momentos, dos outros Impérios. A psicanálise ficou delirante. Parece filosofia cartesiana. Aliás, basta lerem, por exemplo, a introdução das *Meditações*, de Descartes, para verem o quão delirante é... Se conseguíssemos fazer vigorar o Quarto Império, poderíamos, sim, perfeitamente, manejar as condições do Terceiro, do Segundo, as e do Primeiro, mas sem transformar em sintomas estabelecidos as formações que manejamos. Freud chamava isto de *Urteilsverwerfung*, que traduzo, usando um termo lacaniano, como *juízo foraclusivo*, juízo de exclusão. Posso julgar aqui e agora que ponho tal formação de lado, escolho tal formação, mas ela não está pespegada como sintoma à minha pessoa. Isto não aconteceu ainda. Mas devo entender – e devo conceder obrigatoriamente – que temos ventanias de Quarto Império. De vez em quando passa um vento chamado CESPÍRITO...

- Bruno Tolentino - *Uma lufada*.

... é bom ter um poeta do lado porque ele vai nos servindo as palavras adequadas. Uma lufada de Quarto Império, que encontramos diversas vezes, até por exemplo, no Século XV, XVI, no descobrimento do Brasil, etc. Essa coisa toda que vocês deviam ter ouvido ontem do Embaixador Sardenberg e não quiseram ouvir. Foi uma conferência excelente como introdução ao nosso problema: a questão da globalização. De vez em quando, temos um vento de tentativa de Modernidade, de tentativa de Quarto Império, de tentativa, direi mesmo, de Globalização, de tomar o Haver – e não só o mundo, ou só o planeta Terra – como nossa residência. E tomar todos os vizinhos como irmãos. Mas irmãos em que sentido? No sentido, que se pode ter no Quarto Império, inspirado pelo Quinto. Temos vinculações baixas, vinculações corporais, tesões esquisitos, gostos estranhos, estéticas as mais variadas; temos vinculações culturais, produzidas secundariamente as mais

diversas; mas a vinculação Originária é a única que eu gostaria de chamar – e chamo – de **Vínculo Absoluto**, que existe em todos os da espécie. Entre todos os da mesma espécie há essa Vinculação que não é regional, mas absoluta. Temos todos a competência de revirar. Se posso revirar, posso acolher, incluir, receber o outro como igual, mesmo dizendo: “Olha, não é o meu tesão. Cada um goza não por onde pode, mas por onde goza. Não é isso? Entendo perfeitamente que você goze em nível menor, como eu também, no Secundário, no Primário, mas lá em cima goza tudo igual”.

- Bruno Tolentino - *Como seria?*

Sei lá, feito Santa Teresa. Gozamos com Deus, alguma coisa assim...

- Bruno Tolentino - *Acho que é isso mesmo.*

Mas você é católico, eu tenho uma certa dificuldade de entender isto...

- Bruno Tolentino - *Sou católico, mas experiente também.*

Estes Impérios qualificam para mim, em seu movimento, a tendência a encontrar uma Modernidade possível. Não acredito em Modernidade e menos ainda em Pós-Modernidade. A Nova Psicanálise que preconizo pretende ser não Pós-Moderna, mas pró-Moderna: como tentar instalar mesmo uma Modernidade, que seria fazer cada vez mais vigorar o Quarto Império, que, inspirado pelo Originário, possa fazer movimentar-se cada vez mais o Secundário, o simbólico, e cada vez mais ter possibilidade do que, no começo, chamei de Comunicação? Ou seja, através dos vínculos, Primário, Secundário e sobretudo o Originário, que é a Vinculação Absoluta, entrar em transe e em transa com todo e qualquer? O mundo não tem conseguido isto. Pelo contrário, cada vez que passa uma lufada desse vento, a recalcitrância e a recrudescência dos outros Impérios se torna mais forte. E aí vêm, juntamente com a tentativa de globalização, os racismos, os fundamentalismos, etc. A dificuldade é de entender que, justo porque o movimento é de disseminação e de abertura, os sintomas se comportam como numa análise. Alguém chega lá pedindo análise porque quer ficar curado de algo que não quer abandonar de jeito nenhum:

“Faço qualquer negócio, menos tirar o meu sintoma. Dá um jeito de me curar”. E não tem saída, vai ter que ser por aí mesmo. Então, você fica com o seu sintoma, mas negocia com o meu.

- Bruno Tolentino - *Eu confirmo isso. Fui fazer uma análise para conseguir não me separar da minha mulher.*

Viram? Está aqui a prova. Em suma, não entendo que haja efetivamente Modernidade e Globalização, porque a tentativa de Globalização é de acabar dando, como um dos efeitos, na recrudescência dos sintomas. Acho que há que fazer um grande movimento. Somos um país jovem e bastante ignorante, portanto melhor equipado para ficar mais solto. Por exemplo, tenho a pretensão de construir uma Nova Psicanálise. Jamais conseguiria fazer isto na França. Aqui, posso, estou em casa. E sou bastante ignorante para poder exercer isto. Por outro lado também, para colocar as coisas em questão, não considero que o que chamam de Globalização seja um fenômeno, uma etapa, do capitalismo como diz a maioria dos. Globalização é efeito do movimento dos Impérios. E mais do que Globalização, é infinitização do processo, é tomada do Haver. É claro que parece que o tal capitalismo tem sido a forma, o modelo mais competente, ou mais permitido, para a construção regional dentro dessa sintomática, desse processo. Mas, para refletir a respeito da sintomática humana, prefiro pensar que Globalização é efeito – e tem sido, durante vários momentos da história, embora antes tenha sido diferente, pois o movimento hoje é radicalmente diferente, maior do que os anteriores – de uma lufada de vento d’ESPÍRITO.

Como gosto mais de conversar do que de falar, ficarei por aqui. A alma desse tempo é essa. A alma desse tempo é essa lufada de que poderíamos nos aproveitar com mais noção, com mais força, com mais vigor. E já que a morte não há, vamos à vida eterna. Amém. Muito obrigado.

- Bruno Tolentino - *O apedrejamento pode começar.*

Não pode ser um carinho?

- Bruno Tolentino - *Ele quer um carinho, mas também... falou de orgasmo o tempo todo... Pergunto ao público então, alguém responde o seguinte: fiquei impressionado com a clareza da exposição dele e a abertura – estou aqui no sentido de uma abertura –*

ele não se queixou de nada, a não ser de um período de anquilosamento. Existe um movimento para uma abertura cada vez maior, para ver se conseguimos conceber esse Quinto Império, aquele que seria o da verdadeira participação onde tudo estaria globalizado. Alguém acha que há uma coincidência entre o que eu estava propondo e o que ele estava dizendo aqui? Nós não confabulamos antes. Há alguma aproximação? Alguém retoma esse tema? Pior é que nós somos dois tagarelas e calamos o público. Um elefante incomoda muita gente, mas dois elefantes...

• Pergunta - *Perpassa por essa apresentação dos Impérios uma perspectiva evolucionista? Ou sincrônica? A humanidade caminharia – porque foi pontuado historicamente a pré-história, o Egito, o Cristianismo, a Modernidade, e um hoje virtual que não é real ainda – para essa espécie de espírito onde a gente acabou de chegar, que seria o Quarto e o Quinto Impérios. Estamos no Quarto indo para o Quinto...*

Não estamos não. Estamos no Terceiro com nostalgia do Quarto.

• P - *Estamos no Terceiro desejando utopicamente o Quarto, mas não ficou claro para mim se isso aconteceria também sincronicamente, se, na pré-história, poderíamos ter também, em alguns grupos de pessoas, aqueles que destoavam. Hoje, ficou claro que estaríamos vivendo simultaneamente, mas e para atrás?*

As referências que fiz foram meramente exemplares e do nosso cacoete ocidental. Nada impede que se pense a mesma coisa no Oriente, ou na pré-história. Do ponto de vista sincrônico, quer me parecer que, se são da minha espécie e deste mundo – porque podem ser da minha espécie e de um mundo de lata, não sei se há um ET feito de silicone –, o Primário dele será radicalmente diferente, mas será um Primário de algum modo. O Secundário dele será diferente, mas será um Secundário – só que o creodo dele encontra formações e materiais completamente diferentes. Aqui dos nossos colegas de formação, quero supor que, se fomos capazes de caminhar, é porque na sincronia isso já estava lá o tempo todo virtualmente, pelo menos, e aqui e ali teve emergência. É como diz Bruno: de repente, uns poetas lá da pré-história até falaram disso e então foram mortos porque não era hora de falar disso. Então, dizem para ele: “Comporte-se, se não a gente mata, faz alguma coisa para não tumultuar o resto”. Mas estava por ali. Isso

renasce a cada geração. O que coloco é que os Impérios se sucedem mais ou menos assim. Não penso de uma maneira evolucionista. O conceito aí precisa ser de creodo. Ou seja, se somos dessa constituição primária, há essa tendência a sofrer, de imediato, recalçamento dessas formações que, por serem limitadas – esse macaquinho é muito limitado –, elas recalcam o grande movimento. Mas a gente aprende a sair. Aparece um poeta e diz *báaa* – e aí o cara mexe o dedo –, outro vem e diz *lúuu* – e isso tudo é um poema. É sincrônico sim. Mas quando, num determinado momento, a referência hegemônica é ao Primário, estamos no Império d'AMÃE, maneira de falar de ocidental. Até fica bonitinho, parecido com as rezas tão caras às nossas culturas, aos nossos recalques.

• P – *Tentando responder um pouquinho à pergunta do Bruno, vou ter a pretensão de dizer o seguinte: parece-me que todos os conferencistas têm um ponto em comum, embora não tenha ouvido a palestra da Rosiska, mas a do Roberto, a sua e a do Magno, que é tocar na questão de que é preciso chegar a um momento de perder todos os atributos, as qualidades – no sentido do romance de Robert Musil, O Homem Sem Qualidades –, para que se possa ter acesso a essa dimensão do Revirão, a essa dimensão da criação, do poeta, que é a de que o homem é ninguém, não serve para nada, e tem que reconstruir tudo outra vez porque nada do que existe serve. É algo que talvez possa ser um pouco da questão da alma desse tempo. Mas o que gostaria mesmo de perguntar ao Magno é: até que ponto você está trazendo a questão da alma desse tempo como uma lufada de globalização, mas não tocou na questão da globalização enquanto sintomatizada, denegada no momento contemporâneo? A predominância de sintomáticas depressivas que encontramos em consultório – com traços de certa melancolia –, sintomática depressiva característica deste fim de século, não estaria relacionada com a denegação da questão da globalização? Ou seja, com o fato de se viver um momento de suspensão de fronteiras radical, mas onde os preconceitos não caem junto com essas fronteiras? Então, fica-se ainda tentando sustentar algum fundamento através deles, embora já se saiba que as fronteiras caíram – mas a denegação não deixa que se reconheça a falta de fundamento, ou mesmo que o único fundamento é*

o Revirão, é a criação – e por isso se entra nesse estado meio melancólico.

• Bruno Tolentino - *Acho que sim. Você tem razão. Eu tendo a concordar com você. Desconfio que Magno teria alguma coisa mais a dizer além disso. Mas é exatamente isto.*

Na verdade, a tal Globalização é inteiramente falsa porque encaminha as coisas por um veio que está mais adscrito à ordem do mercado e aos interesses de lucro dentro do sistema capitalista vigente com a sua forma atual. Mesmo porque esse capitalismo é assim porque vive com o pé no freio. Se tirar o pé do freio, então vale tudo, e a prostituição universal permite que todos vivam bem. Mas não se deixa a coisa ficar assim. Na verdade, o que é chamado de Globalização até agora – Sardenberg lembrou muito bem, apenas cinco por cento das empresas do mundo estão nesse processo de Globalização, assim como vocês viram o quanto Rosiska ficou feliz de entrar no Século XXI num acontecimento que nos dá um presentinho deste tamanhinho – é muito pouco. Não globalizou coisa alguma e as mulheres terão que lutar mais um século para conseguir alguma coisa. Na verdade, Globalização zero, praticamente. Não só porque a ventania suscita o recrudescimento dos sintomas – é igualzinho numa análise: os caras entram em análise para fazer birra, pedem análise para não fazer análise. Se estou falando a partir da Clínica Geral, que é a psicanálise olhar o mundo como um analisando, vê-se a mesmíssima coisa, não há nenhuma diferença: a recalcitrância no sintoma. Mas há até mesmo a recalcitrância daquele que pretende globalizar. O movimento do capital é inteiramente inibido e denegatório.

• Rosiska Darcy de Oliveira – *Pessoalmente, acho que há uma confusão muito grande entre globalização e capital. Não concordo com nada disso. Colocar o marco da globalização na economia é uma loucura. Porque não é disso que se trata. Quando se fala de globalização se está falando de um estágio de desenvolvimento tecnológico, um estágio de costumes, está-se falando um conjunto de coisas das quais a economia é um aspecto, na verdade secundário. O Sardenberg tem razão, só cinco por cento das empresas estão globalizadas. Então, há uma confusão, feita inclusive muito frequentemente pela imprensa. Fala-se em globalização, neo-liberalismo, como se fosse tudo a mesma coisa. Não é disso que se trata. Não*

estamos falando de economia. Estamos falando em flagrar, em dar um flash num momento da vida contemporânea e da vida humana, em que, de fato, determinadas mudanças muito substanciais, no plano tecnológico sobretudo, trouxeram a possibilidade de um campo argumentativo em torno dos costumes – que é o que estávamos discutindo agora. A globalização de que estamos falando é isso. Agora, os freios a que Magno se refere, têm inclusive certa constância na história humana. Os eventos que nos parecem grandes, na verdade, numa perspectiva histórica, ficam pequenos. A Revolução Francesa, vista de hoje, é grotesca. A Revolução Russa sumiu do mapa e está sumindo da memória dos homens. Então, as minhas alegrias de Pequim são justificadas, porque ainda não têm a distância suficiente para tanto. Então, quaisquer que sejam esses movimentos de ida e volta, esses movimentos de recalçamento, como você diz, pelo menos o que mostra o registro histórico é que eles encontram pela frente o Revirão. Agora, tenho uma pergunta para você em relação a isto. É a primeira vez que te ouço expondo essa conceituação, embora já tivesse lido. Então, é a primeira vez que tenho oportunidade de, pessoalmente, te colocar uma pergunta. Na contemporaneidade, quais são as encarnações visíveis do Revirão?

É bonita a pergunta. São muitas. Não sou bom nisso, mas vou tentar responder. Primeiro, muito obrigado, porque você corroborou comigo muito bem. Justamente o que quero dizer é que essa coisa que estamos chamando de globalização é um vento do Quarto Império. O resto é secundário, são circunstâncias. Capital, neo-liberalismo ou liberalismo, etc., são coisas regionais. Isso que denunciei estar acontecendo com a psicanálise, por exemplo, lacaniana, que justo quando fracassa se dá bem no mercado. Ou seja, porque não presta mais, então vende barato para todo mundo. São vários os exemplos de reviramento. Por exemplo, a Rosiska no Conselho das Mulheres aqui no Brasil, o Bruno está revirando aqui à vontade, queda do muro de Berlim. Aqui eu vi todo mundo revirando o tempo todo. Vocês observaram um Revirão bem construído chamado Roberto da Silva, que falou aqui para vocês? Ele foi lá e foi virando devagarinho, mas no tapa. E depois, dizem que não se consegue. Consegue sim, está aí a prova.

• Bruno Tolentino – *Isto é verdade. Um dos aspectos que reparei ao chegar ao Brasil foi a evidente superioridade do pensamento feminino sobre os meus companheiros de sexo. Uma coisa muito curiosa. Há exceções. Há homens com quem você possa conversar. Mongolóides que melhoraram muito, quase curados. Mas a vitalidade da mulher brasileira em relação à européia me pareceu muito especial, primeiro porque foi uma surpresa, segundo porque me parece tão pouco provável que haja qualquer melhoramento civilizacional sem que as mulheres sejam diretamente afetadas, e portanto, elas são quase sempre os agentes escondidos. Uma grande poetisa portuguesa, ainda viva, dizia sobre o método tradicional das mulheres: “não ficaste em casa a cozinhar intrigas”. É um poema isto, de uma heroína portuguesa. O método de ficar em casa a cozinhar intrigas, por exemplo, essa interioridade necessária a todo processo de funcionamento – alguém tem que estar cozinhando alguma coisa ali dentro –, isto é tipicamente feminino. Isto acontece com homem também. Se não houver uma interioridade você não tem um discurso a fazer, não tem nem sequer um poema a construir. Quando isto se exterioriza, quando você vê a vitalidade do pensamento feminino, ou seja, a individualidade, a virtualidade, a diferença. O quanto as mulheres diferem umas das outras aqui! E como elas têm essa variedade, essa intensidade! Não estou passando uma cantada em ninguém em especial. Não sou mulherengo, sou mulherófilo, é um pouco diferente. Descobri essa capacidade de a mulher de ser ao mesmo tempo perfeitamente – se você quiser – coletiva, igualzinha a todas as outras em tudo, o que precisa ser, e não obstante ter uma diferença enorme, imensa. Por isso é que me casei três vezes, uma não parecia suficientemente com a outra. Acho que este é um dos elementos do Brasil, o fato de que a inteligência feminina está cada vez mais provada para mim como sendo mais e mais um salto, aqui no Brasil. Quando vocês pensam que a primeira grande escritora que tivemos foi Cecília Meireles, por volta dos anos trinta... pois até então não tínhamos uma mulher escritora no Brasil! Vejam que pulo a gente deu! Viemos cá para a frente. Eu até já pensei que talvez fosse melhor se a reeleição não pudesse passar e tivéssemos que eleger a Dona Ruth ao invés dele... Esse é certamente um dos aspectos do Revirão, acho que o Revirão tem este sentimento*

das mulheres. Fiquei absolutamente convencido da inteligência das mulheres brasileiras, até porque não teve uma que tivesse participado do movimento concretista...

• Roberto da Silva – *Fiquei surpreso com essa idéia do Revirão, porque trabalho com uma idéia, que não sei se serve de contraponto, ou se é o oposto a isso. É a primeira vez que ouço o Magno colocando esses conceitos dessa forma, mas me soou – posso estar enganado, por favor me corrija – a idéia de que, além de todas essas categorias, pai, mãe, filiação, que hoje fazem parte das nossas convenções sociais, a globalização, no entender dele, poderia se dar em reconhecer um único atributo entre todos os homens, que é a existência do Espírito e não outras categorias formais. O que, para mim, soa como o evolucionismo puro: o homem, descendente dos animais, vai evoluindo, evoluindo, e gradativamente, vai rarefazendo a sua natureza, até que se torne o Espírito. Eu trabalhei sempre com o sentido inverso. No lugar do conceito de Revirão eu uso o conceito de Resiliência. É um conceito que se aplica, na física, à resistência dos metais, mas para mim dá a idéia de que já nasci dotado de um Espírito. Por determinadas estruturas, circunstâncias sociais, esse Espírito ficou impossibilitado de se desenvolver e se expandir. Então, é aquela idéia, mais ou menos poética, de que não é que dentro do lodo, ou mesmo no lodo, possam surgir belas flores, é que apesar do lodo, a flor sobrevive.*

Muito obrigado, Roberto. A pressa da exposição e as metáforas utilizadas para explicar costumam – você tem razão, preciso didatizar isto melhor – dar impressão de evolução. Houve uma pergunta muito para esse lado. Não. O conceito aí não é de evolução, é de *desrecalque*, justamente dizendo isso que você está dizendo: a flor estava lá, ela estava era coberta de lama. Porque, efetivamente, o peso gigantesco do Primário, da carne com todos os vícios autossomáticos e etossomáticos, o peso gigantesco da cultura, decantada não enquanto movimento mas o que aprendemos, e que vira o nosso sintoma cotidiano, etc., isso tudo dá a impressão de que a flor é só lama. Não estou querendo dizer que haja nenhuma evolução nesse sentido, e sim que a ética que a Nova Psicanálise pode propor é a de desentulhar para que a flor compareça. Ela já está lá. O outro já é da minha espécie. Ele não tem nenhum motivo para ser excluído senão o fato de sucumbir às

forças recalcentes, repressivas, violentas, que se aproveitam da massa Primária e da massa Secundária para não deixar que muitas flores desabrochem.

• P - *O que mais se aproxima, no mundo que vivemos, de algo que estivesse nesse quarto estágio seria esse estorvo, esse ser inútil, que é o poeta. Nesse sentido, da mesma forma que ele falou que a esse estágio não se chegou ainda, de certa forma poderia até se caracterizar esse estágio como um “não-Haver”, quase como se o poeta fosse, no meio dos seus potencialmente iguais, um morto em vida. Perguntando ao Bruno, você pessoalmente, como você conseguiu enfrentar essa absurda solidão?*

• Bruno Tolentino - *É o tema da minha palestra. Quando pensei que fosse fazer aqui o que fazia na Europa, cada vez que me chamavam para isso, sentava lá e lia um texto em exatamente 22 minutos e 37 segundos. Estou de acordo que somos todos ignorantes, um país aberto a todas as possibilidades e que, portanto, podemos reinventar tudo, inclusive uma maneira de sobreviver à nossa própria neurose. É possível que essa solidão fundamental tenha a ver com o que Magno estava dizendo também, uma des-ossificação. Talvez eu ainda esteja um pouco traumatizado com o tempo em que passei na Europa. Trinta anos é uma vida...Tudo lá é tão no lugar, as prateleiras estão tão ordenadas, que se tem a impressão de que o movimento é praticamente impossível e você acaba achando que aquela é uma maneira ordenada e normal de viver, que é bom e ótimo que seja assim. No entanto, essa coisa de primeiro e terceiro mundo é – ou acaba sendo – uma ótima invenção. Vamos ficar aqui no terceiro mesmo, aqui a gente vai dando um jeito de revirar. De Revirão em Revirão, quem sabe... E isto passa, sim, por esse tipo de solidão.*

Recentemente, estive meditando sobre um aspecto do Brasil, essa nossa obsessão sobre o que somos e o que não somos, etc., sobre como é o Brasil. Por que somos um dos povos que passa a maior parte do tempo a se perguntar o que nos faz ser brasileiro? Todo mundo aceita ser o que é. E nós aqui estamos ainda nos interrogando nesse “tupi or not tupi” contínuo. Na Europa, eu tomava um trem ou um ônibus e desembarcava em outro país em quinze minutos, meia hora, depois já estava tendo que falar outra língua. Aqui, durante dias, viajei outro dia de ônibus, e, dois dias depois, ainda estava

dentro do Brasil. Não tinha chegado nem na metade. E continuava ouvindo a mesma coisa, a mesma conversa, etc. Essa imensidão, essa coisa enorme que é o Brasil, não tem fronteira com nenhuma outra civilização. Temos de um lado a mata virgem e de outro lado o mar. “The devil and the deep blue sea”. Estamos entre o diabo e o profundo mar azul. É um provérbio inglês. Estamos entre a cruz e a caldeirinha. Nosso único contato com alguma coisa que não sejamos nós é aquele pedacinho ali que inventaram, chamado de Uruguai para não ser nem Brasil nem Argentina. Aquela coisa... O Uruguai é isso... uma espécie de algodão que se coloca entre cristais... Essa solidão talvez tenha feito de nós um país de poetas. Falei outro dia que somos um país de poetas avacalhados..., de universitoides analfabetos..., numa dessas malcriações conhecidas que faço de vez em quando. Um país de poetas que estava sendo impedido de funcionamento. A idéia de Magno é essa. Impedido de funcionar nesse quarto estado, onde todos somos chamados a realizar o poeta que somos, o ato de criação contínua do ser. Essa possibilidade de desenrolar tudo aquilo que somos..., de viver essa explosão..., é uma coisa tipicamente feminina. O homem já é por definição – ou talvez por hábito ou por vício – essa coisa que quer organizar, estruturar, tomar, se curar. Ao passo que a mulher é sobretudo um vácuo que precisa ser preenchido. [risos na platéia] Gente, eu estava pensando em James Joyce..., no solilóquio da Molly, e isso é verificável... O Brasil é um país tipicamente feminino. O Brasil tem essa maleabilidade, essa capacidade de ser modelável, porque somos um país macaco de imitação, todo mundo sabe disso. Eu costumava dizer lá fora: vim de um país onde os bichos são o macaco e o papagaio. O macaco imita igualzinho e o papagaio imita o som. É só isso. Essa capacidade de mimetismo contínuo que tem a ver com a solidão, a nossa solidão geopolítica, geocultural.

Estamos realmente isolados. Somos talvez a única civilização que não tem outra ao lado. Não estamos em confronto. Somos só nós. E passamos muito tempo nos perguntando quem somos, o que nos faz ser o que somos. Isso também é uma grande vantagem. Quanto à criação do Quarto Império, o Espírito, e isso coincidir com o poeta, estou de acordo. Contanto que entendamos que a poiesis não passa pelo ato de escrever, necessariamente. Não escrevam... se não for preciso. Agora, criem, tratem de poetizar a própria vida, de tirar de

dentro de si aquela mitopoética que vai definir o país. Nesse ponto o Brasil, o poeta, e a mulher, coincidem.

Gostaria de fazer um pequeno. Bruno já respondeu muito melhor, mostrando que justamente a nossa espécie é uma espécie de poetas, recalcados por essas massas Primárias e Secundárias. Mas eu queria fazer um pequeno comentário que já é para ficar para a próxima vez – porque o tempo não deixa desenvolver muita coisa – e provocar um pouco o Bruno. Ele disse que o Brasil é um país feminino, etc. Não concordo. Não que seja masculino, graças a Deus. Tivesse eu mais tempo, falaria um pouco da questão da sexualidade, mas hoje não dá. Minha noção é que, para além de masculino e feminino como lógica de construção, temos um negócio que chamo o Terceiro Sexo, ou o Sexo dos Anjos, e o Quarto que é o Sexo da Morte, que graças a Deus não há, embora a gente o persiga querendo gozar com a morte. Há o hábito em nossa cultura de supor que o Brasil é meio puxado para o feminino e para o Barroco. Não concordo. Digamos que o masculino fosse mais para o Classicismo, o feminino mais para o Barroco. Eu diria que o Brasil é Angélico. E que nós somos não só maneiristas como Maneiros. Isto para ficar para a nossa próxima discussão.

• Bruno Tolentino - *O maneirismo me preocupa um pouco aqui no Brasil, até porque nossos grandes poetas, os melhores, acabam sendo de um certo modo maneiristas. O único a escapar totalmente disso é Manuel Bandeira. Bandeira jamais ergueria uma ode maneirista. Carlos Drummond de Andrade era maneirista, João Cabral de Melo Neto sempre o foi, Cecília Meireles era mesmo, isso para falar só de três deles. Quanto ao Barroco, acho que foi nosso primeiro momento de expressão pessoal. Ali chegou uma voz e o Brasil se identificou um pouco com isso. E depois, o Barroco serve também – como o entendemos aqui no Brasil, sobretudo – de desculpas para muitos excessos, uma certa desordem, etc., que chamamos de Barroco. Inclusive, é um ótimo apelido para a bagunça. Quanto ao Sexo dos Anjos, esse Terceiro Sexo Angelical, isso é muito provável sim..., mas isto para mim ainda pertenceria à categoria do feminino. O Brasil não seria aquela forma masculina de definição, de arrumação. Talvez estejamos mais para o outro lado, mas você ainda vai me explicar isto. Deixemos para nosso próximo encontro...*

